Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

NEOLIBERALISMO E O DESENVOLVIMENTO REGIONAL NO MÉXICO

João Vitor Sandri Coelho[1]
Yuri Lima Perotto[2]

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as principais características do padrão contemporâneo de acumulação de capital no México, com o enfoque em seu desenvolvimento regional de 1982 até os dias atuais. Como fundamentação teórico-metodológica, utilizou-se o paradigma interpretativo de formação socioespacial para identificar os diferentes circuitos espaciais de produção que inserem o país na divisão internacional do trabalho e que impactam em sua divisão territorial do trabalho interna. Ademais, o trabalho se utiliza das formulações de Albert Hirschman (encadeamentos "para frente" e "para trás") para interpretar as contradições do desenvolvimento econômico contemporâneo do México. Os principais resultados apontam para a refuncionalização da região setentrional do país e para uma forte presença de insumos importados em suas indústrias orientadas para a exportação.

Palavras-chave: Neoliberalismo; Desenvolvimento regional; México.

[1] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC, Florianópolis, Brasil. Jvsandri09@gmail.com. Trabalho financiado pela CAPES através da concessão de bolsa de doutorado.

[2] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC, Florianópolis, Brasil. yurilperotto@gmail.com. Trabalho financiado pela CAPES através da concessão de bolsa de doutorado.

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

NEOLIBERALISM AND REGIONAL DEVELOPMENT IN MEXICO

João Vitor Sandri Coelho[3]
Yuri Lima Perotto[4]

Abstract

This paper aims to present the main characteristics of the contemporary pattern of capital accumulation in Mexico, focusing on its regional development from 1982 to the present day. As a theoretical and methodological basis, the interpretative paradigm of socio-spatial formation was used to identify the different spatial circuits of production that insert the country into the international division of labor and that impact its internal territorial division of labor. In addition, the paper uses Albert Hirschman's formulations ("forward" and "backward" chains) to interpret the contradictions of Mexico's contemporary economic development. The main results point to the refunctionalization of the northern region of the country and a strong presence of imported inputs in its export-oriented industries.

Keywords: Neoliberalism; Regional development; Mexico.

1 Introdução

A desaceleração da economia estadunidense no final da década de 1960 e o crescimento de novos players mundiais, tais como o Japão e a Alemanha, evidenciou mais uma vez a dinâmica do desenvolvimento desigual do capitalismo. Um novo regime de acumulação surgia com o toyotismo, desagregando as relações

[3] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC, Florianópolis, Brasil. Jvsandri09@gmail.com. Trabalho financiado pela CAPES através da concessão de bolsa de doutorado.

[4] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC, Florianópolis, Brasil. yurilperotto@gmail.com. Trabalho financiado pela CAPES através da concessão de bolsa de doutorado.

sociais próprias do período anterior, trazendo consigo a terceirização, a fragmentação produtiva, o enfraquecimento dos sindicatos e a destruição do Estado de bem-estar social, o que iria se tornar hegemônico no mundo na década de 1990. Além disso, as migrações de capitais e plantas produtivas dos países centrais para os periféricos tornaram-se intensas.

No México, estas políticas neoliberais se realizaram não apenas nas privatizações, desregulamentações e abertura comercial, mas numa experiência voltada à industrialização orientada para a exportação, baseada principalmente em capitais estadunidenses, atraída por benefícios fiscais e pela mão de obra barata. Esse processo teve fortes impactos socioespaciais no país, e é sobre esses impactos que o presente trabalho irá tratar. Deste modo, tem-se como objetivo apresentar as principais características do padrão contemporâneo de acumulação de capital no México, com o enfoque em seu desenvolvimento regional de 1982 até os dias atuais. Para isso, utilizou-se a categoria de formação socioespacial e as formulações de Albert Hirschman acerca dos encadeamentos "para frente" e "para trás".

O paradigma de formação socioespacial pode ser entendido como a combinação concreta de diferentes modos de produção em um espaço particular, em meio ao seu desenvolvimento desigual e combinado. Segundo Milton Santos, as formações socioespaciais somente existem:

> "(...) por causa de seus aspectos concretos que permitem levar em conta a especificidade de cada sociedade (sua evolução particular, sua situação atual, suas relações internas e externas) tomada como uma realidade historicamente determinada, fundada sobre uma base territorial" (SANTOS, 2012, p. 237-8).

É através do estudo da formação socioespacial que reconhecemos a ordem pela qual se dispõem as formas e os nexos que elas mantêm, ordem essa fornecida pelos efeitos da divisão internacional e da divisão interna do trabalho, pois, conforme Santos:

> A cada movimento social, possibilitado pelo processo da divisão do trabalho, uma nova geografia se estabelece, seja pela criação de novas formas para atender a novas funções, seja pela alteração funcional das formas já existentes. Daí a estreita relação entre divisão social do trabalho, responsável pelos movimentos da sociedade, e a sua repartição espacial (SANTOS, 2014, p. 60).

Outro aporte teórico utilizado são as formulações de Albert Hirschman (1958) sobre os encadeamentos "para frente" e "para trás". O teórico do desenvolvimento desequilibrado ressalta a importância dos *linkages effects* (efeitos de encadeamento), em que uma indústria líder fomenta indústrias satélites através de encadeamentos "para trás", ligadas ao fornecimento de insumos para a indústria líder, e de encadeamentos "para frente", ligadas ao fornecimento de insumos para outras atividades, gerando assim efeitos multiplicativos para o restante da economia nacional.

Diferentemente dos demais países latino-americanos que passaram por um intenso processo de desindustrialização desde as últimas décadas do século XX até, em grande medida, os dias atuais, o México viveu uma nova experiência de industrialização. No entanto, esta nova industrialização cada vez mais evidencia contradições sociais, econômicas e espaciais, as quais serão tratadas neste trabalho.

2 Maquiladoras: implementação e as primeiras décadas

Políticas voltadas para o fomento industrial na região da fronteira norte não são tão recentes na história do país. Conforme Hansen (2003), já na década de 1930 se começou a criar programas com esse objetivo, como os *perímetros libres*, promulgada em 1933, que estabelecia zonas de livre comércio nas cidades fronteiriças de Tijuana, Tecate e Mexicali. No entanto, essa primeira tentativa não teve êxito em criar manufaturas locais, pelo contrário, em alguma medida estimulou o hábito de importar bens de consumo em quantidade cada vez maiores.

Na década de 1960, uma nova tentativa de desenvolvimento industrial naquela região foi posta em prática, agora de forma mais robusta. Em 1961, criou-se o *Programa Nacional Fronteirizo* (Pronaf), estabelecendo isenções fiscais numa faixa de 20 quilômetros ao longo da fronteira norte, além de uma redução de 25% nas tarifas de transporte de carga, ferroviário, aéreo ou marítimo para bens importados à fronteira. Em 1965, outros dois programas decisivos foram fundados, os quais mudaram o cenário da região: o *Programa de Industrialización de la Frontera* e o *Fomento y Operación de la Industria Maquiladora de Exportación*. A partir disso, surgem as conhecidas indústrias maquiladoras. Estas implicavam benefícios fiscais atribuídos pelo Estado mexicano para empresas se instalarem no país, podendo importar insumos e matérias-primas do exterior com tarifas máximas de importação de 20% *ad valorem* e realizar a montagem no México para a posterior exportação. Os objetivos principais das maquiladoras eram a aquisição de divisas cambiais através das exportações, geração de emprego num curto período de tempo e a diminuição do fluxo migratório aos Estados Unidos. Até 1973, a propriedade estrangeira das empresas mexicanas era limitada a 49% (HANSEN, 2003). A partir de 1989, passou-se a permitir 100% de participação de capital estrangeiro sob a condição de manter

uma balança comercial positiva. Em 1993 as restrições diminuíram ainda mais e apenas treze atividades eram destinadas exclusivamente reservadas para o Estado e seis para investidores mexicanos (PETERS, 1996).

Foi, principalmente, após a crise da dívida de 1982 que as indústrias maquiladoras foram fortemente impulsionadas, na medida em que a falta de liquidez do país o obrigava a manter superávits comerciais para aquisição de dólares e, assim, honrar suas dívidas. A partir disso, as maquiladoras ganham cada vez mais destaque na economia mexicana: o número de plantas maquiladoras sobe de 620, em 1980, para mais de 2.000, em 1992; o emprego nelas expande de 100.000 para 518.000 e suas exportações sobem de US$ 2,5 bilhões em 1980 para US$ 10,1 bilhões em 1988.

Importante ressaltar que a crise dos anos oitenta teve efeito demolidor no dinamismo econômico das grandes metrópoles do país (Cidade do México, Guadalajara, Monterrey e Puebla), concentradas mais no centro do país — com exceção de Monterrey, que se localiza mais ao norte — tendo sua produção industrial diminuído em 19,2%. A soma da participação das quatro cidades, em 1985, corresponde ao valor que a Cidade do México produziu sozinha em 1980, isto é, 48,6% da produção industrial do país (MEDRANO, 1999). A crise, com isso, marcou a queda do dinamismo econômico da região central do país em detrimento de um aumento do dinamismo da região norte, em função das indústrias maquiladoras.

Os investimentos externos diretos (IEDs), que inundaram o México com o advindo das maquiladoras, tinham como principais origens capitais estadunidenses (tabela 1), os quais utilizavam a mão de obra mexicana, consideravelmente mais barata em relação à do vizinho do norte, para reduzir os custos de produção. Por

esse motivo, a maioria das empresas foi instalada na região setentrional do país, próxima à fronteira com os Estados Unidos, como se pode ver no mapa 1. Num primeiro momento, as cidades que acumularam maior número de empresas foram Mexicali, com 61 empresas e 8500 empregados; Tijuana, com 94 empresas e 7000 empregados; Matamoros, com 43 empresas e 6500 empregados; e Ciudad Juárez, com 42 empresas e 7760 empregados.

Tabela 1: IED acumulado por país de origem 1980-1993

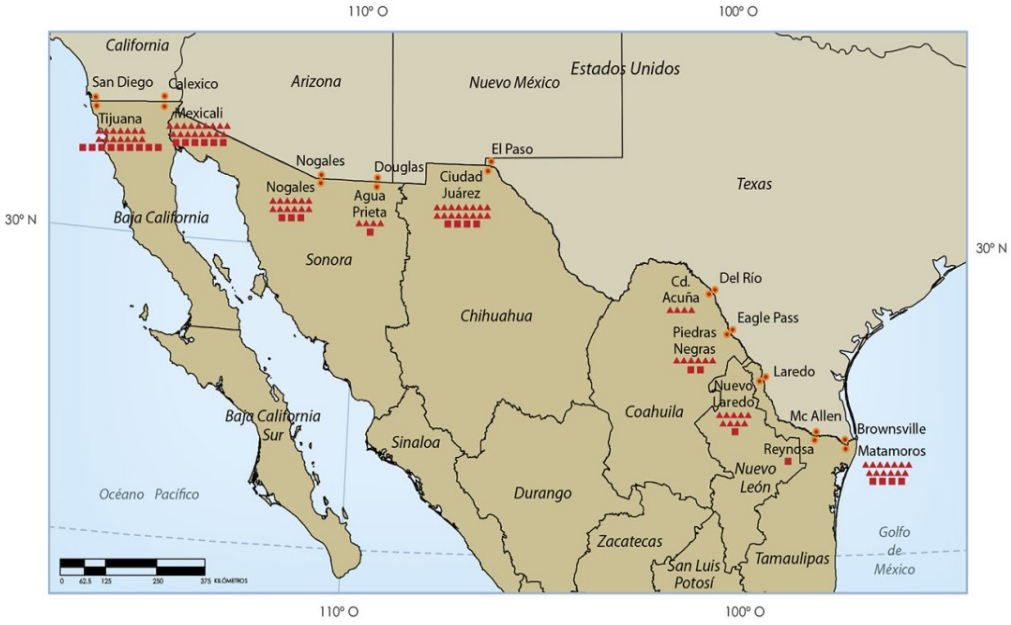
País de Origem	Participação percentual do acumulado 1980-1993
Estados Unidos	61,5%
Reino Unido	6,7%
Alemanha	4,9%
França	4,3%
Suíça	4,1%
Japão	3,7%
Espanha	2,0%
Países Baixos	1,9%
Outros	10,9%

Fonte: Secretaría de Economía, 2020

Posteriormente, a partir da criação do *Programa de Importación Temporal para Producir Articulos de Exportación* (PITEX), em 1985, as indústrias de exportação foram se interiorizando no território mexicano, chegando aos estados do centro-oeste, como Jalisco, Zacatecas e San Luis Potosí; do centro, como Puebla e Tlaxcala; e até mesmo do sul do país, como o estado de Yucatán. No entanto, a presença na

região norte seguiu preponderante, devido ao baixo custo de transporte das mercadorias ao país vizinho[5].

Mapa 1: Localização das primeiras empresas maquiladoras mexicanas



Fonte: Enciclopedia de Conocimientos Fundamentales, 2010

O desenvolvimento da indústria maquiladora mexicana comporta diferentes fases. As primeiras maquiladoras se caracterizavam por ser indústrias de trabalho intensivo, baixo nível tecnológico, baixa conexão com a economia nacional, baixos salários e mão de obra majoritariamente feminina (cerca de 80%).

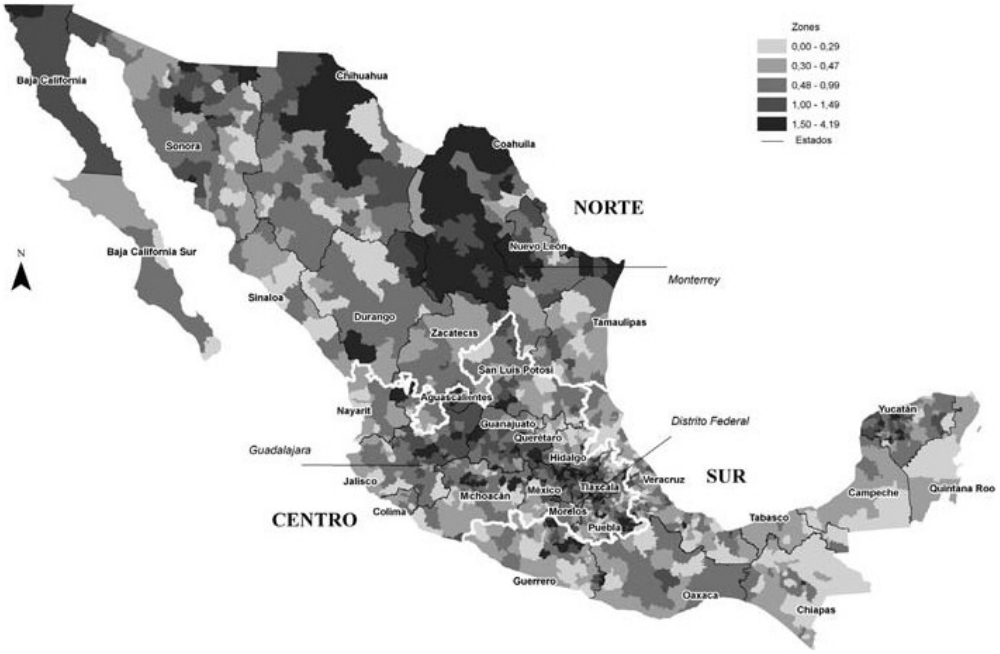
[5] Segundo Alejandro Mungaray: "Mientras 89% de las plantas y los empleos se localizaba en los estados fronterizos en 1980, para 1995 la proporción disminuye a 80% en el caso de establecimientos y de 85% en el de empleos. En cuanto al valor nominal agregado, pasó de 87 a 84 por ciento" (MUNGARAY, 1998, p. 4).

As produções se concentravam na indústria têxtil e na montagem de componentes eletrônicos para televisores e rádios.

A segunda fase tem seu início com a crise de 1982, quando as indústrias maquiladoras sofrem algumas transformações e passam a incorporar produções com maior nível de automatização, mais intensivas em capital e tecnologia, maior conexão com a economia nacional, além de aumentarem o número de homens no quadro de trabalhadores. Este período é marcado pelo sistema toyotista de produção. Nesta segunda fase, a indústria automobilística ganha protagonismo.

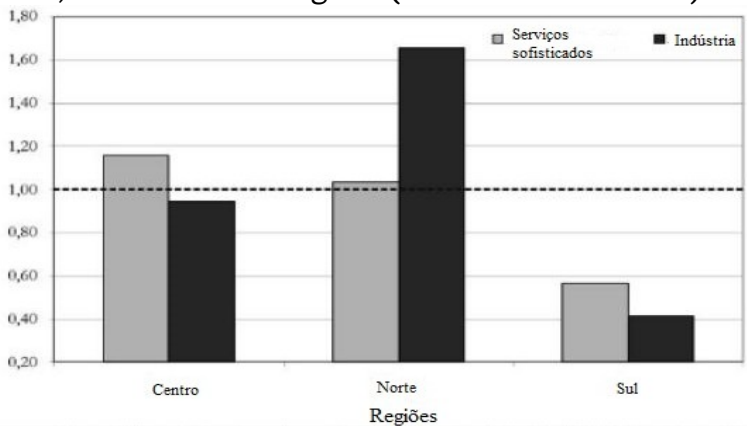
Outro fato importante foi o aumento do dinamismo econômico na região setentrional do país. Partindo de uma regionalização que divide o México em três regiões (norte, centro e sul), Angoa *et al* (2009) apontam para a importância da indústria na região norte, enquanto que a região central se destaca pelos serviços sofisticados. De forma contrastante, a região sul fica bem abaixo da média nacional tanto em relação à indústria quanto aos serviços sofisticados.

Mapa 2: Quociente de localização da indústria manufatureira no México - 1999



Fonte: Angoa *et. al.*, 2009

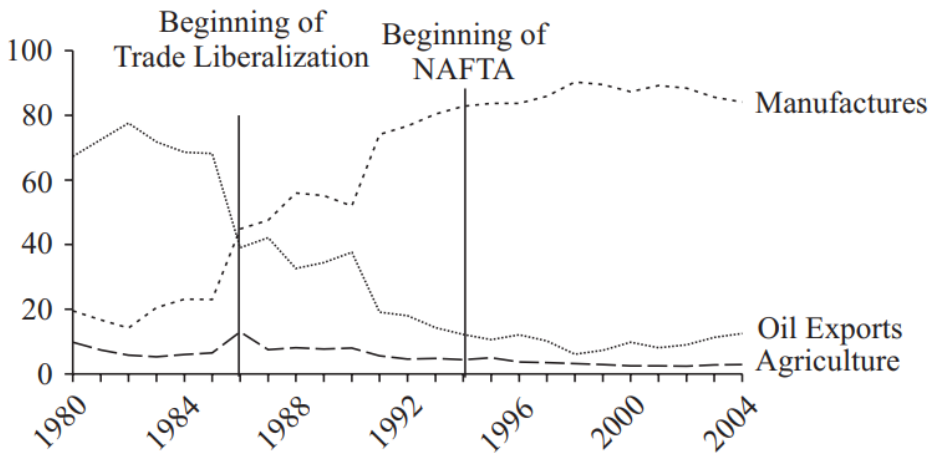
Gráfico 1: Concentração relativa do emprego nos setores de serviços sofisticados e indústria, divisão em três regiões (Média nacional = 1.00)



Fonte: Angoa *et. al.*, 2009

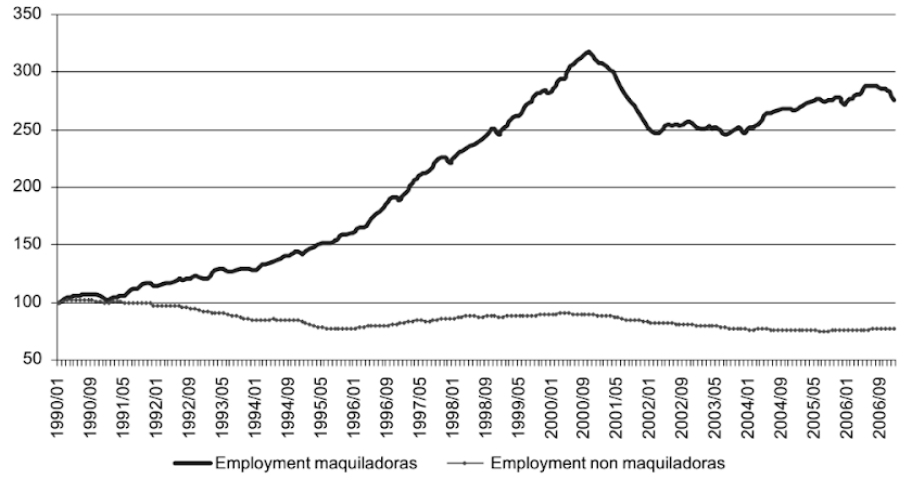
Em suma, as maquiladoras foram protagonistas do esforço exportador vivido pelo México, resultando em uma importante transformação em sua pauta exportadora: de uma economia fundamentalmente exportadora de petróleo, como era no começo da década de 1980, para, vinte anos depois, ter quase 80% de suas exportações compostas por bens manufaturados (gráfico 2). Além disso, as maquiladoras passaram a ocupar um papel central na geração de empregos no país, como se nota no gráfico 3. Desta forma, o México mudou a sua inserção na divisão internacional do trabalho, participando de novos circuitos espaciais de produção, sobretudo àqueles ligados a indústria automobilística. Ademais, promoveu uma transformação em sua divisão territorial do trabalho, refuncionalizando a região setentrional através de novos fluxos voltados aos Estados Unidos, relacionados às importações de insumos e equipamentos e exportações de produtos manufaturados.

Gráfico 2: Composição das exportações mexicanas, 1980-2014



Fonte: Moreno-Brid *et. al.*, 2005

Gráfico 3: Emprego em indústrias maquiladoras e não-maquiladoras



Fonte: Moreno-Brid e Ros, 2009

3. O NAFTA

O NAFTA (*North America Free Trade Agreement*), ou TLCAN (*Tratado de Libre Comercio de América del Norte*), foi um acordo comercial firmado entre México, Estados Unidos e Canadá a fim de formar uma zona de livre comércio na América do Norte, iniciando sua vigência no dia 1 de janeiro de 1994. Segundo o artigo 102 do acordo, seus principais objetivos eram: eliminar barreiras ao comércio e facilitar a circulação transfronteiriça de bens e serviços entre os territórios das Partes; promover condições de concorrência leal na área de livre comércio; aumentar substancialmente as oportunidades de investimento nos territórios das Partes; fornecer adequada e eficaz proteção e aplicação dos direitos de propriedade intelectual no território de cada Parte (TRATADO DE LIBRE COMERCIO DE AMERICA DEL NORTE, 1993).

O NAFTA foi mais um capítulo no esforço exportador vivido pelo México. Em 1994, as exportações totais representaram 16% do PIB real do México. No ano 2000, esse número mais que dobrou, chegando a 35,1%, tornando-se um dos principais exportadores da América Latina. Quando comparado aos demais países exportadores do mundo, os números também impressionam. Se, de 1985 a 1994, o México ficou em quinto lugar entre os países com os maiores aumentos em exportações manufatureiras no mundo, entre 1994 e 2000 o país alcançou o segundo lugar, logo atrás da China (MORENO-BRID *et. al*., 2005).

Durante o período de vigência do NAFTA, o valor das exportações manufatureiras do país aumentou oito vezes, ao passar de 50 bilhões de dólares, em 1994, para 410 bilhões, em 2019. Em comparação, as exportações de petróleo, assim como as de produtos extrativistas e agropecuários cresceram valores irrisórios ou permaneceram estagnadas durante esses vinte e cinco anos (Gráfico 11).

A partir do NAFTA, nota-se que a evolução das exportações totais e de manufaturas exibe padrões espaciais diferenciados. A começar pelo fato de que, em 2018, 57% das vendas setoriais se concentravam em seis estados fronteiriços (Baja California, Sonora, Chihuahua, Coahuila, Nuevo León e Tamaulipas) e outros cinco estados distribuídos no centro do país participam com outros 25% (Guanajuato, Jalisco, Querétaro, Aguascalientes e San Luís Potosí) (ZAMORA, 2020).

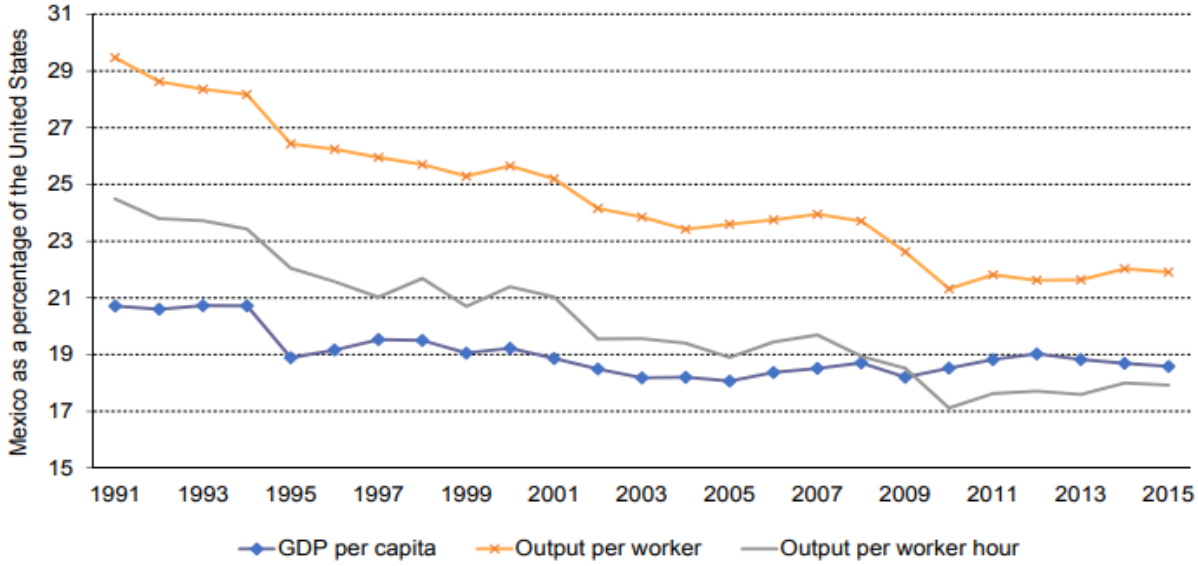
Segundo Zamora (2020), as cidades mais eficientes para a dinâmica produtiva do NAFTA são aquelas que possuem uma infraestrutura adequada para as montadoras de automóveis: Hermosillo, Chihuahua, Saltillo-Ramos Arizpe, Aguascalientes y Torreón-Gomez Palacio. Em um plano similar, encontram-se as cidades de Querétaro, Guanajuato y San Luis Potosí. Outros exemplos são os

centros urbanos especializados em indústrias como as de eletrônicos e de equipamentos de informática (Tijuana, Ciudad Juárez, Guadalajara y Aguascalientes); têxtil (Torreón-Gómez Palacio, Aguascalientes); aeroespacial (Tijuana, Querétaro y Guanajuato); e alimentícia (Guadalajara, León, Monterrey, Aguascalientes y Torreón-Gómez Palacio).

O comércio regional deu um grande salto, de US$ 290 bilhões de dólares, em 1993, para mais de US$ 1,1 trilhão em 2016. Os fluxos de investimento estrangeiro direto (IED) no México também aumentaram, de uma média de 1,2% do PIB do México, em 1980-1993, para uma média de 2,7% do PIB, em 1994-2016. Durante o mesmo período, o estoque de IED dos Estados Unidos no México aumentou de US$ 15 bilhões para mais de US$ 100 bilhões (Blecker *et. al*., 2017).

No entanto, a despeito do NAFTA lograr êxitos no que cerne ao aumento das exportações e do investimento externo direto, muitos dos objetivos estabelecidos não foram alcançados. Contrariamente a afirmação do então presidente Carlos Salinas de Gortari, de que o acordo transformaria o México num país de primeiro mundo, não houve nenhuma convergência entre México e Estados Unidos no que se refere à renda *per capita* ou à produtividade do trabalho, pelo contrário. Conforme o gráfico 4, tanto o PIB *per capita*, quanto a produção por trabalhador caiu em relação aos índices estadunidenses.

Gráfico 4: México, PIB per capita e produtividade do trabalho como porcentagem dos EUA, 1994-2015



Fonte: Blecker *et. al*., 2017

No que se refere à remuneração dos trabalhadores, esta expectativa também não se realizou. Como é possível observar no gráfico 5, o salário real passou por uma drástica queda a partir da execução do NAFTA e, em 2016, ainda não havia recuperado o valor alcançado em 1994. Da mesma forma, o salário real mexicano ficou ainda mais longe do salário real estadunidense.

Gráfico 5: Remuneração horária dos trabalhadores mexicanos da produção em termos reais e como porcentagem dos EUA, 1994-2016

Fonte: Blecker *et. al*., 2017

Deste modo, o NAFTA impulsionou a industrialização orientada à exportação no México e atrelou ainda mais o território nacional ao espaço econômico estadunidense. Ao mesmo tempo, não logrou reduzir as disparidades regionais, pelo contrário, em muitos casos agravando-as quando comparados valores do PIB *per capita*, produtividade do trabalho e salários reais.

4 O México atual

A industrialização orientada para a exportação no México segue vigente nos dias atuais, sob a tutela de um novo programa. No ano de 2006, os programas *Fomento y Operación de la Industria Maquiladora de Exportación* e *Programa de Importación Temporal para Producir Articulos de Exportación* (PITEX) se integraram, formando o *Programa de la Industria Manufacturera, Maquiladora y de Servicios de*

Exportación (IMMEX), representando 85% das exportações manufatureiras do país. Essas exportações, por sua vez, permanecem fortemente concentradas nos estados da fronteira norte e em alguns estados do centro-sul e centro-ocidente. O mesmo padrão se vê com o número de estabelecimentos e o número total de trabalhadores ocupados, em que os estados fronteiriços concentram cerca 55% dos estabelecimentos e 58% dos trabalhadores ocupados. As regiões do centro-ocidente e centro-sul concentram cerca 37% dos estabelecimentos e 27% dos trabalhadores (tabela 2).

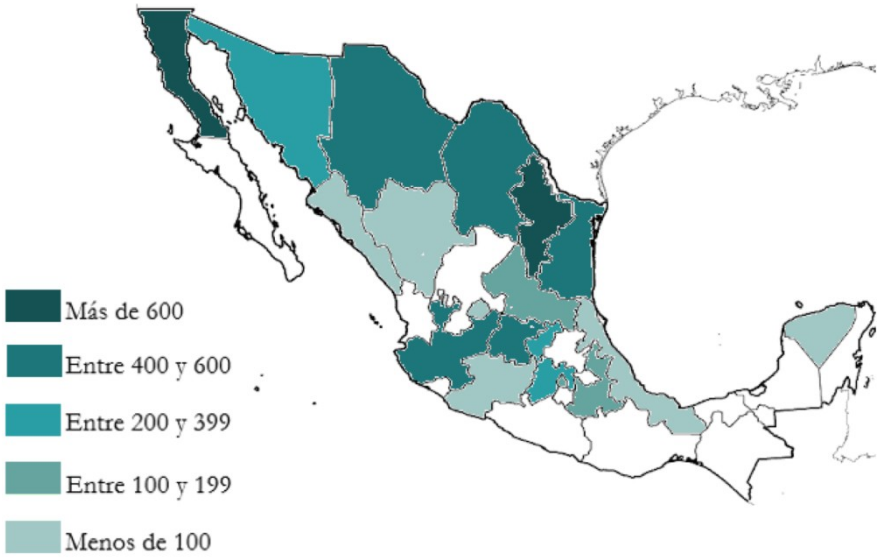
Tabela 2: Número de estabelecimentos manufatureiros com o Programa IMMEX e número total de trabalhadores ocupados, maio de 2023

Unidades Federativas	Número de estabelecimentos ativos	% de estabelecimentos ativos sobre o total	Número trabalhadores ocupados	% de trabalhadores ocupados sobre o total
Total Nacional	5182	100%	2978608	100%
Aguascalientes	89	1,8%	66868	2,2%
Baja California	932	18,0%	379221	12,7%
Coahuila	399	7,7%	296641	10,0%
Chihuahua	483	9,3%	466752	15,7%
Ciudad de México	68	1,3%	19742	0,6%
Durango	74	1,4%	48173	1,6%
Guanajuato	342	6,6%	182343	6,1%
Jalisco	292	5,6%	178499	6,0%
México	273	5,3%	148432	5,0%
Nuevo León	679	13,1%	337861	11,3%
Puebla	176	3,4%	81006	2,7%
Querétaro	249	4,8%	118985	4,0%
San Luís Potosí	181	3,5%	96486	3,2%
Sonora	218	4,2%	111877	3,8%
Tamaulipas	364	7,0%	254622	8,6%

Veracruz	56	1,0%	20995	0,7%
Yucatán	48	0,9%	24458	0,8%
Outras Unidades Federativas	259	5,0%	145647	5,0%

Fonte: INEGI, 2023

Mapa 3: Distribuição geográfica das empresas IMMEX, outubro de 2023



Fuente: INEGI. Estadística Mensual del Programa de la Industria Manufacturera, Maquiladora y de Servicios de Exportación (IMMEX).

Segundo a Secretaria de Economia do México (2020), os investimentos externos diretos no país continuam tendo nos Estados Unidos sua principal origem, ainda que a participação estadunidense tenha diminuído seu montante relativo nos últimos anos. Se, entre 1980 e 1993, os Estados Unidos tiveram participação em 61,5% dos IEDs acumulados no México, entre 1994 e 2019, esse número diminuiu para 48,1%. Tendo como referência apenas o ano de 2022, a diminuição é ainda

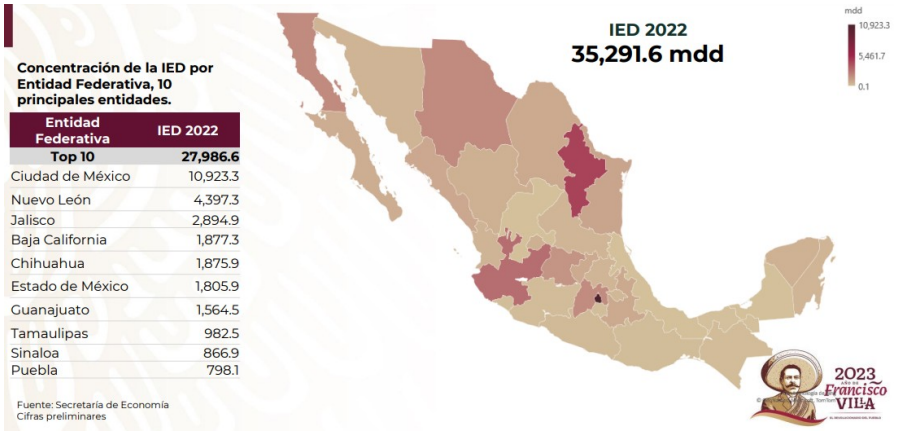
maior, chegando a 42,6%, seguido de Canadá (10,7%) e Argentina (6,6%). Desses IEDs, 36% são destinados ao setor manufatureiro, destacando-se para a fabricação de automóveis e caminhões, fabricação de componentes eletrônicos, autopeças, equipamento de geração e distribuição de energia elétrica e indústria de base de ferro e aço (Secretaría de Economía, 2023).

No destino dos IEDs tem forte participação os estados da fronteira norte (concentrando cerca de 25% dos IEDs), e das regiões centrais (concentrando cerca de 50% dos IEDs). Ressalta-se aqui a proeminência da capital, tendo mais que o dobro do segundo colocado (Mapa 3). Isso acontece, pois a Cidade do México concentra grande parte dos investimentos no mercado de ações da bolsa de valores, conforme o Mapa 4. Os investimentos na produção de equipamentos de transporte, por exemplo, são melhores distribuídos espacialmente, ainda que fortemente presentes nas regiões setentrionais e centrais. Os investimentos nas indústrias de bebidas e tabacos se concentram nas regiões meridionais do país, como Yucatán, Chiapas e Oaxaca. Os estados de Baja California, Tamaulipas e Jalisco são as principais receptoras de investimentos em equipamentos eletrônicos, e os estados de Baja California Sur, Quintana Roo e Nayarit tem no setor hoteleiro seu principal foco de IEDs, estimulado pelo turismo. Por fim, na região costeira do Golfo do México é onde se encontra os investimentos no complexo petroquímico do país (Mapa 21).

Mapa 3: Investimento externo direto no México por unidade federativa, 2022 (milhões de dólares)

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024



Fonte: Secretaría de Economía (México), 2023

Mapa 4: Principal subsetor receptor de IED por entidade federativa, 1999-2020

Fonte: Secretaría de Economía, 2020

Além disso, as indústrias do Programa IMMEX seguem com o mesmo ímpeto importador que as antigas indústrias maquiladoras possuíam. Em 2023, dos 620 bilhões de pesos consumidos em insumos pelos estabelecimentos manufatureiros ligados ao Programa IMMEX, 72% foram constituídos de insumos importados. Alguns estados fronteiriços apresentam as maiores taxas, com Coahuila tendo 81% de insumos importados, Tamaulipas 90%, Chihuahua 95% e Baja California 96% (tabela 3).

Tabela 3: Insumos consumidos pelos estabelecimentos manufatureiros com o Programa IMMEX segundo Unidades Federativas, maio de 2023 (milhares de pesos)

Unidades Federativas	Total	Insumos Importados	Insumos Nacionais	Insumos importados sobre o total (%)
Total Nacional	620 016 427	447 264 229	172 752 198	72%
Aguascalientes	8 872 420	5 619 133	3 253 287	63%
Baja California	60 663 913	58 490 260	2 173 653	96%
Coahuila	64 597 998	52 460 361	12 137 637	81%
Chihuahua	88 367 389	84 177 284	4 190 105	95%
Ciudad de México	2 437 542	341 244	2 096 298	14%
Durango	3 848 828	3 239 307	609 521	84%
Guanajuato	54 025 718	31 519 353	22 506 365	58%
Jalisco	41 876 300	22 565 312	19 310 988	54%
México	29 798 846	14 236 491	15 562 355	48%
Nuevo León	94 617 191	61 078 734	33 538 457	64%
Puebla	19 968 368	8 210 882	11 757 486	41%
Querétaro	36 169 503	25 034 086	11 135 417	69%
San Luís Potosí	18 177 608	11 036 627	7 140 981	61%
Sonora	16 254 405	11 599 872	4 654 533	71%
Tamaulipas	46 495 686	42 153 707	4 341 979	90%
Veracruz	7 124 801	1 028 336	6 096 465	14%

Yucatán	1 636 465	1 288 795	347 670	79%
Outras Unidades Federativas	25 083 446	13 184 445	11 899 001	53%

Fonte: INEGI, 2023

Resgatando as formulações de Hirschman, nota-se a grande debilidade das indústrias maquiladoras mexicanas em gerar efeitos multiplicativos, devido ao grande volume de insumos importados presentes em seu processo produtivo, deixando de gerar efeitos de encadeamento "para frente" e "para trás" na economia nacional.

5 Conclusão

A experiência mexicana de industrialização orientada para a exportação gerou um processo de refuncionalização da região setentrional do México, através de novos fluxos voltados aos Estados Unidos, incorporando a função, de um lado, de geradora de empregos e divisas cambiais, e de outro, de fonte de mão de obra barata e plataforma exportadora aos Estados Unidos. Além disso, esta experiência não logrou diminuir as disparidades regionais com seus vizinhos norte-americanos, sobretudo quando comparado o PIB *per capita*, produtividade do trabalho e salários reais. Por fim, devido aos altos volumes de importação de insumos, as indústrias maquiladoras mostraram baixo potencial para gerar encadeamentos internos e efeitos multiplicativos na economia nacional.

Referências

ANGOA, Isabel. PÉREZ-MENDOZA, Salvador. POLÈSE, Mario. Los tres Méxicos: análisis de la distribución espacial del empleo en la industria y los servicios superiores, por tamaño urbano y por región. *Revista Eure*. vol. 34, nº 104, 2009

BLECKER, Robert. MORENO-BRID, Juan Carlos. SALAT, Isabel. *Trumping the NAFTA renegotiation*: an alternative policy framework for Mexican-United States cooperation and economic convergence (2017). Disponível em: < https://www.cepal.org/en/publications/42579-trumping-nafta-renegotiation-alternative-policy-framework-mexican-united-states>. Acesso em março de 2023.

Enciclopedia de conocimientos fundamentales: UNAM-Siglo XXI / coord. Jaime Labastida y Rosaura Ruiz. – México : UNAM ; Siglo XXI, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/ACT34/Downloads/Tomo_3.pdf>. Acesso em setembro de 2022.

HANSEN. Lawrence Douglas Taylor. Los orígenes de la industria maquiladora en México. *Comércio Exterior*. vol. 53. nº 11, 2003.

HIRSCHMAN, A. O. *The strategy of economic development*. New Haven: Yale University Press, 1958.

INEGI. Mapas para imprimir, 2020. Disponível em: <https://cuentame.inegi.org.mx/mapas/nacional.aspx?tema=M>. Acesso em julho de 2023.

INEGI. Estadística del Programa de la Industria Manufacturera, Maquiladora y de Servicios de Exportación IMMEX, 2023. Disponível em: <https://www.inegi.org.mx/programas/immex/#Tabulados>. Acesso em julho de 2023.

MEDRANO, José Antonio Vieyra. *Tecnología, empleo y territorio en el marco de la globalización* económica. El caso de la industria automotriz en México. Madrid, 1999.

MORENO-BRID, Juan Carlos. VALDIVIA, Juan Carlos Rivas. NÁPOLES, Pablo Ruiz. The mexican economy after of NAFTA. *Revista Galega de Economía*, vol. 14, núm. 1-2, 2005.

MORENO-BRID, Juan Carlos. ROS, Jaime. *Development and Growth in the Mexican Economy*: a historical perspective. New York : Oxford University Press, 2009.

MUNGARAY, Alejandro. Maquiladoras y organización industrial en la frontera norte de México. *Comércio Exterior*. vol. 48. nº 4, 1998.

PETERS, Enrique Dussel. From export-oriented to import-oriented industrialization: changes in Mexico's manufacturing sector, 1988-1994. In: OTERO, Gerardo (org.) *Neoliberalism Revisited*: Economic Restructuring and Mexico's Political Future, 1996.

SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 6. ed., São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SECRETARÍA DE ECONOMÍA (MÉXICO). *Inversión directa de Estados Unidos hacia México*, 2019. Disponível em: <https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/515408/DistribuciondeinversiondeEstadosUnidos2019-3T.pdf>. Acesso em setembro de 2022.

SECRETARÍA DE ECONOMÍA (MÉXICO). *Inversión extranjera directa en México y en el mundo: carpeta de información estadística*, 2020. Disponível em: <https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/575327/Carpeta_IED_2020-2T.pdf>. Acesso em setembro de 2022.

SECRETARÍA DE ECONOMÍA (MÉXICO). *T-MEC*: Tratado entre los Estados Unidos Mexicanos, Estados Unidos de América y Canadá. Tomo II. Ciudad de México : Encuadernadora Progreso, 2021. Disponível em:

<https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/708696/T.MEC_TOMO_II_CAP_TULO_14_AL_34_y_Acuerdos_Paralelos.pdf>. Acesso em novembro de 2022.

SECRETARÍA DE ECONOMÍA (MÉXICO). *Inversión Extranjera Directa durante el año 2022*. 2023. Disponível em: < https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/802549/Presentaci_n_080223_18.02.pdf>. Acesso em junho de 2023.

TRATADO DE LIBRE COMERCIO DE AMERICA DEL NORTE (1993). Disponível em: <https://www.cndh.org.mx/DocTR/2016/JUR/A70/01/JUR-20170331-II01.pdf>. Acesso em fevereiro de 2023.

ZAMORA, José Gasca. Reconfiguracion econômica del territorio mexicano en la era del TLCAN. *Nueva Época*. n. 22, 2020.